
Silêncios que Falam: A Assexualidade de Poliana em Vale Tudo¹

Talison Pires Vardiero²

Caio Ferreira Silva³

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

O estudo propõe uma análise sobre o testemunho da assexualidade da personagem Audálio Candeias, conhecido popularmente como Poliana (Matheus Nachtergaele), no remake da novela Vale Tudo, exibido no episódio do dia 10 de junho de 2025. Com base no conceito de testemunho (Ribeiro; Sacramento, 2020), Assexualidade (Bezerra, 2019; Oliveira, 2023; Oliveira, 2012), Masculinidades (Januário, 2016), Armário (Sedgwick, 2007) e Telenovela como narrativa de nação (Lopes, 2009) a investigação aporta na metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) para compreender como a linguagem novelística constrói sentidos sobre a assexualidade e quais regimes de visibilidade são ativados ou tensionados pela narrativa.

Palavra-chave: Vale Tudo; Telenovela; Assexualidade; Poliana.

Telenovela como espaço de escuta e testemunho

Desde Assim na Terra como no Céu (1971), a teledramaturgia brasileira passou a abordar questões relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+. Apesar disso, como aponta Trevisan (2018), a visibilidade nem sempre implica em representatividade, e muitas vezes reforça estigmas, estereótipos e preconceitos.

Todavia, nos últimos anos, observa-se um esforço em retratar essas vivências com mais responsabilidade. Neste contexto, analisamos a representação da assexualidade⁴ na novela Vale Tudo (2025), remake escrito por Manuela Dias. O foco recai sobre o personagem Audálio Candeias, conhecido como Poliana (Matheus Nachtergaele), cuja trajetória é marcada por um testemunho comovente, exibido entre 9 e 10 de junho de 2025.

Metodologicamente, utilizamos a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) para compreender como elementos como imagem, som, montagem, atuação e trilha sonora constroem sentidos e afetos. A análise é organizada em três eixos

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - Facom/UFJF. Vice-coordenador do curso de Rádio, Tv e Internet (RTVI) e integrante do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias - Namídia/ CNPq/UFJF . E-mail: talison.vardiero@ufjf.br.

³ Jornalista, Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) -orientador Jhonatan Mata e integrante do grupo de pesquisa Sinestelas (PPGCOM-UFJF) . Bolsista CNPq. E-mail: caioffss84@gmail.com

⁴ Segundo Bezerra (2019), os assexuais são aqueles que não têm desejo sexual por outra pessoa ou que o secundarizam em função de outras modalidades de prazer.

temáticos: (1) revelação da assexualidade; (2) assexualidade é patologia?, e (3) formação pedagógica.

Diante da complexidade deste estudo, fundamentamo-nos teoricamente em Lopes (2003, 2009) para abordar as telenovelas; em Januário (2016) e Sedgwick (2007) para tratar das questões de masculinidade e sexualidade; nas contribuições de Oliveira (2012), Bezerra (2019) e Oliveira (2023) para discutir a assexualidade e sua mediatização; e em Ribeiro e Sacramento (2020) para compreender como a narrativa se apropria do conceito de testemunho na subjetivação da história da personagem.

Silêncios que falam

Após a observação e análise das cenas, aportados pela Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), o primeiro eixo parte do momento em que Audálio, pressionado pela irmã que tenta lhe arranjar um encontro, demonstra o incômodo com contatos físicos e afirma que nunca gostou de sexo. Trata-se de um momento simbólico de “sair do armário” (Sedgwick, 2007), que é tratado com forte carga emocional. A trilha sonora, os enquadramentos e a atuação intensificam esse instante de libertação, em que o personagem finalmente verbaliza a assexualidade⁵ diante da irmã e do público. A cena transforma o silêncio de décadas em fala e reconhecimento.

O segundo eixo gira em torno da dúvida da irmã sobre se a assexualidade do Audálio seria uma doença. Aldeide chega a pesquisar em uma inteligência artificial: “Meu irmão não gosta de sexo, isso é doença?”⁶. A IA responde com uma definição científica e acolhedora da assexualidade, descrevendo-a como uma orientação legítima e diversa. O alívio visível de Audálio ao ouvir essa explicação mostra como a nomeação tem poder: dar nome ao que se sente é também dar existência. A novela se apresenta como um fórum de debate e atua diretamente no campo da informação e da saúde sexual, ao combater o estigma da patologização.

⁵ Oliveira (2023) explica que a assexualidade envolve complexidades relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual, desafiando visões reducionistas. Essas identidades são construções culturais, fluidas e distintas do sexo biológico e da prática sexual voltada ao prazer.

⁶ Como aponta Oliveira (2012), tradicionalmente vista como um transtorno pelas ciências médicas, a falta de desejo sexual começou a ser reinterpretada no século XXI como uma orientação do desejo, sendo reconhecida como assexualidade, em vez de patologia.

Por fim, no terceiro eixo, observamos o aspecto pedagógico da trama. A transformação de Aldeíde, que passa da dúvida à aceitação, espelha o que a novela propõe ao espectador: não é preciso compreender tudo para amar e acolher. A irmã diz ao final: “Entender eu não entendi, mas eu te amo do mesmo jeito”. A novela também mostra Audálio buscando uma comunidade online e se preparando para gravar seu depoimento, o que reforça o papel da escuta e da partilha de vivências.

A trama, assim, constrói um espaço de formação e reconhecimento, afirmando a telenovela como um dispositivo de mediação simbólica, luta por visibilidade e disputa de sentidos (Lopes, 2003; 2009).

Referências

- BEZERRA, P. V. **Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI**. Londrina: EDUEL, 2019.
- COUTINHO, I. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade**. In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). *Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.
- JANUÁRIO, S. B. **Masculinidades em (re)construção: Gênero , Corpo e Publicidade**. Covilhã, 2016.
- LOPES, M.I.V. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan.- abr. 2003.
- LOPES, M.I.V. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, ano 3, p. 21-47, 2009.
- OLIVEIRA, E. R. B. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana. In: VIEIRA, T. R. (org.). **Minorias sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília: Consultex, 2012. Disponível em: https://generoeeducacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/2012_Oliveira_Assexualidade-e-medicalizacao.pdf.
- OLIVEIRA, J. A. Assexualidade na Telenovela Travessia da TV Globo: Uma Representação da Orientação Sexual em Estudo. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/
- RIBEIRO, A.P.G. SACRAMENTO, I. **Televisão e Memória: entre testemunhos e confissões**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. In: **cadernos pagu (28)**, janeiro-junho de 2007:19-54.
- TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**. 4edição rev., atual. e amp. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.